

Grafias do tempo: criações para aferição e denúncia para além dos muros de uma mineradora

Spellings of time: creations for measurement and denunciation beyond walls of a mining company

VÂNIA BARBOSA SANTOS DE ALBUQUERQUE SERRA

Artista multimídia, Pequi, M.G., Brasil

RESUMO

Este ensaio visual tem como base o projeto *Grafias do Tempo*, iniciado em 2021. Desenvolve-se a partir da experiência da artista Vânia Barbosa no entorno da mina Capão Xavier, no bairro Jardim Canadá, em Nova Lima, MG. A pesquisa artística — em andamento — abrange diversas linguagens, como desenho, instalação, fotografia, vídeo e performance, resultando em exposições individuais e coletivas. Com uma abordagem crítica, sensível e territorializada, o projeto propõe reflexões sobre os impactos da mineração. O percurso criativo e seus desdobramentos dialogam com referências teóricas e curatoriais, reforçando a urgência e a relevância da proposta abordada.

PALAVRAS-CHAVE

Portfolio artístico, impactos ambientais, mineração, território.

ABSTRACT

This visual essay is based on the project *Grafias do Tempo*, initiated in 2021. It stems from artist Vânia Barbosa's experience around the Capão Xavier mine, located in the Jardim Canadá neighborhood, in Nova Lima, Minas Gerais. The ongoing artistic research encompasses various mediums, including drawing, installation, photography, video, and performance, resulting in both solo and group exhibitions. With a critical, sensitive, and site-specific approach, the project invites reflections on the impacts of mining. The creative process and its developments engage with theoretical, and curatorial references underscoring the urgency and relevance of the project's themes.

KEYWORDS

Portfolio, environmental impacts, mining, territory.



Figura 1. Grafias do Tempo. Detalhe da performance Carimbó das Gerais. 2022. Foto: Sylvie Moyen

O projeto ***Grafias do Tempo***, da artista Vânia Barbosa, teve início em março de 2021 como uma resposta a um episódio vivenciado pela artista no entorno da mina Capão Xavier, localizada no bairro Jardim Canadá, município de Nova Lima, Minas Gerais. A partir dessa experiência de confrontamento com os impactos visuais e simbólicos da mineração, a artista desenvolve um processo investigativo e poético que se traduz em múltiplas ações.

A motivação inicial se transforma em pesquisa e criação que visa lançar luz sobre as consequências da exploração mineradora, não apenas na região de Minas Gerais, mas como um reflexo de modelo nacional de extração predatória. A proposta em uma linguagem estética, vai dando forma à indignação, à escuta e à denúncia.

O projeto, ramifica em diferentes linguagens artísticas, como instalações, fotografias, vídeos, desenhos e performances. As ações são realizadas em diálogo direto com a paisagem alterada pela mineração, propondo um olhar crítico sobre os vestígios deixados por essa atividade.

A elaboração do trabalho contou com o acompanhamento curatorial de Cristiana Tejo¹ (Recife, 1976), tendo a leitura do livro Mineração: genealogia do desastre, de Horácio Machado Aráoz (2021), como arcabouço teórico essencial para a compreensão das raízes históricas e estruturais do modelo extrativista vigente.

Dentre as ações realizadas, destacam-se performances e caminhadas pelas montanhas, parques e estradas da região do bairro Jardim Canadá. Intervenções urbanas também foram feitas com a instalação de bandeiras expostas ao ar carregado de poeira, impregnando-se do próprio ambiente que denunciam. A confecção de um mapa simbólico da região foi outra ação importante, com destaque para a terra vermelha - elemento que remete diretamente à atividade mineradora. A produção imagética do projeto contou com o apoio de oito mulheres colaboradoras, responsáveis pelos registros fotográficos em diferentes momentos do processo². No final dessa etapa foram feitos⁴ *corações de terra*, que cada participante recebeu como agradecimento e marca de sua participação.

O projeto teve importantes desdobramentos em sua apresentação pública, com destaque para três exposições individuais: Impregnação - BDMG Cultural – 2023; Grafias do Tempo - Centro Cultural UFMG – 2024 e Casa da Cultura, Pará de Minas – 2024 e a participação em três exposições coletivas: “Latino américa Arte y ciudadanías críticas” – Medellin – Colômbia – 2024; “Não sou idêntica a mim mesma: mulheres artistas e a coleção do BDMG Cultural” – 2024; “Anos 80 nos 80 anos” Escola Guignard – 2025. Foi um marco significativo a mostra realizada no Centro Cultural UFMG, espaço que funcionou como lugar de confluência de vozes, através de vários eventos correlatos com a colaboração de outras e outros artistas, pesquisadores e público em geral, ampliando a escuta da ideia inicial.³

¹ TEJO, Cristiana – Recife, 1976. Mora e trabalha em Lisboa, Portugal. PhD, curadora independente e pesquisadora com atuação em arte contemporânea. Fundadora do @nowherelisboa, co-curadora do @residenciabelojardim. Foi curadora das exposições *Impregnação* e *Grafias do Tempo*.

² Mulheres fotógrafas que participaram do projeto Grafias do Tempo: Bila Gomes, Ligia Nassif, Patrícia Gouthier, Pipa Cavalcante, Sylvie Moyen, Sylvia Vartuli, Valéria Amorim, Geyse Helena.

³ 22/12/2023: Apresentação da Banda de Música Lira Santa Cecília de Pará de Minas, na regência do maestro Sérgio Stringuetta; 12/01/24 Performance: *Experimentos* - Meibe Rodrigues e Teresa Ricco; 16/01/24 Performance: *Acúmulos* - Mariana Hauck e Cláudia Figueiredo; 18/01/24 Roda de conversa com as fotógrafas do evento: Bila, Ligia Nassif, Geyse Helena, Pipa Cavalcanti, Patrícia Gouthier, Sylvia Vartuli, Sylvie Moyen, Valéria Amorim; 19/01/24 Performance: *Desmonta* - Marco Paulo Rolla; 23/01/24 Performance musical: A música como caminho de sentir sentido. Marilia Schembri; com Milene Schembri, Hamilton Catette e Marco Alvarenga; 25/01/24 Performance: *Intervenção cigana*: Esmeralda e Vânia Barbosa; 30/01/24 Projeção do filme *Eu sou uma arara* de Rivane Neuenschwander e Mariana Lacerda; 30/01/24 Roda de Conversa: Artistas que abordam o mesmo tema: Pedro Davi, Angelo

O caráter participativo da proposta permitiu a construção de uma narrativa coletiva, expandindo o alcance do trabalho e fortalecendo sua dimensão política. A presença dos corpos, o gesto performativo e o uso de materiais simbólicos criam uma tessitura que denuncia a violência ambiental ao mesmo tempo em que afirma outras possibilidades de existência e resistência frente ao avanço minerador.

Grafias do Tempo configura-se como um projeto expositivo e investigativo que atravessa os campos da arte contemporânea, da crítica ambiental e da ação política. Ao responder poeticamente à experiência vivida a artista propõe um deslocamento entre o vivido e o simbólico, dando forma à dor, ao espanto e à indignação diante da devastação das montanhas mineiras.

Arantes, Maria Vaz, Bárbara Lisa e Vânia Barbosa; 01/02/24 Performance: *O Lamento da Terra* – Geyse Helena, Nanda Almeida, Du Sanábio; 02/02/24 Projeção do filme *Tu es Pedra* – Criação de Vânia Barbosa com trilha sonora de Mamour Ba; Finalização dos eventos com *Licença aos ancestrais* - performance musical: Mamour Ba, DjeinaBa, SheikBa. Cada evento foi anunciado pelo *Toque das Matracas* - tocadas pelos moradores em situação de rua. As matracas foram feitas artesanalmente por Vitor Jesus Silva. Foram projetados filmes e imagens da exposição Grafias do Tempo no painel eletrônico da fachada do prédio Espaço do Conhecimento UFMG, na Praça da Liberdade em BH.

Ao articular práticas artísticas com pesquisa teórica, colaborações e intervenções no território, o projeto se inscreve como uma grafia do tempo presente – um tempo marcado por crises ecológicas, apagamentos e resistências. Assim torna-se possível ressignificar o espaço e convocar outras formas de olhar, sentir e agir no mundo.



Figura 2. Vânia Barbosa, Grafias do Tempo. Foto: Vânia Barbosa

Você já sabe o suficiente.

Eu também

Não é conhecimento o que nos falta

O que nos falta é a coragem que sabemos e tirar conclusões. (LINDQVIST, 2023, p.19)

Diante do impacto brutal da mineração a céu aberto próximo ao seu ateliê, a artista formula a pergunta que orienta toda a sua criação: Como construir um trabalho capaz de sustentar aquilo que se vivencia ao encarar uma mina escancarada na paisagem cotidiana?

Para isso, recorreu a referências teóricas, conversas com pares e investigações poéticas. Segundo ela:

Na mina Capão Xavier, observei a beleza daquela ‘paleta de cores’ escancarada diante de mim, de mãos dadas com o horror das marcas de garras de metal cravadas nas montanhas que estão sendo moídas e levadas. Essa era minha tarefa. E não é uma tarefa simples.

Era preciso, portanto, construir uma metodologia que possibilitasse tanto o desenvolvimento de sua poética quanto sua partilha com o público. Assim, *Grafias do Tempo* desdobrou-se em uma série de ações.



Figura 3. Vânia Barbosa, (detalhe) *Grafias do Tempo*, 2021 Foto: Vânia Barbosa.

GRAFIAS DO TEMPO Desdobramentos



Figura 4. Grafias do Tempo. Mapeamento das ações. 2021 a 2024



Figura 5. Grafias do Tempo. Mapeamento das performances. 2021 a 2024

Grafias do tempo traz à luz diversas questões referentes à mineração. A ação da mineradora pode ser percebida pelas grafias deixadas nas bandeiras, confirmando o pó que flutua no ar. O mapa do bairro ao lado da cava carrega a cor vermelha predominante na região. A impregnação do minério registra sua presença em nossa pele.



Figura 6. Vânia Barbosa, *Grafias do Tempo*, Performance. Foto Sylvia Vartuli. 2022



Figura 7, Vânia Barbosa, *Grafias do Tempo*, Performance. Foto Esq.: Valéria Amorim. 2022, Foto Dir.: Sylvie Moyen



Figura 9: Vânia Barbosa, Túnica de metal, capanga, bandeira. Peças usadas nos 40 dias de caminhada e em outros eventos do trabalho. 2021 – 2025. Foto Vânia Barbosa



Figuras 10 e 11: Vânia Barbosa, Grafias do Tempo, registro de perfomance. Foto: Lygia Nassif e Pipa Cavalcanti. 2021



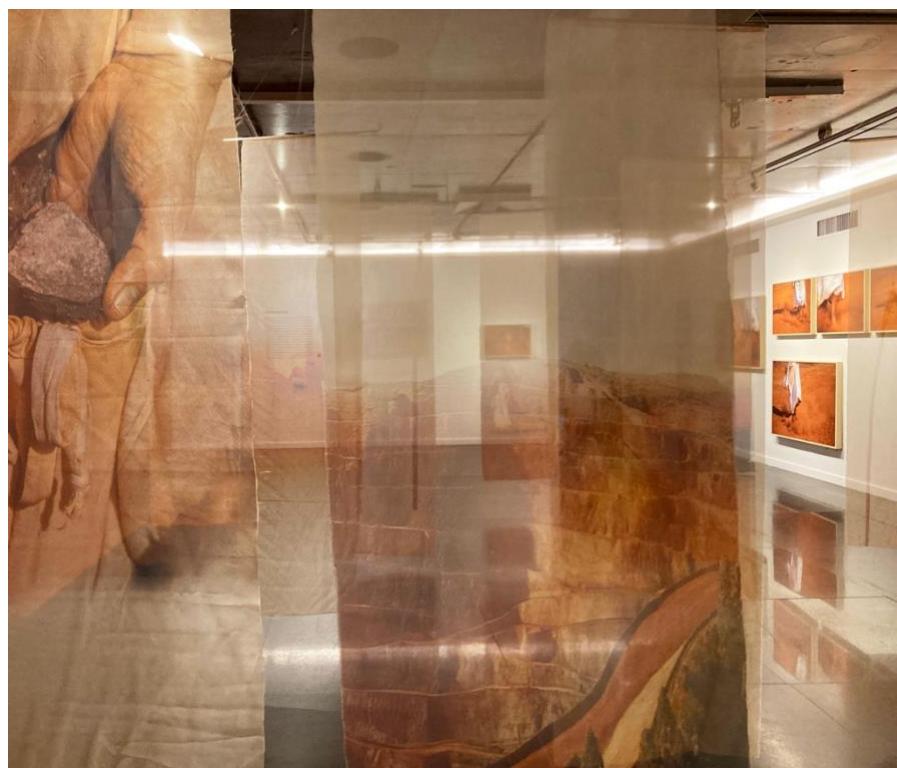
Figuras 13 e 14: Vânia Barbosa, Grafias do Tempo, registro de performance. Fotos Lygia Nassif. 2021

A Andarilha

Ao andar você pensa e observa
Você encontra o esperado e o inesperado também.
Ao se defrontar com o imprevisto você toma outro rumo.
Encruzilhada. Desvio. E se deixa ir.
Você conta e ouve histórias. Cala e escuta o nada.
Uma entrega ao desconhecido. Um deslocamento constante.
Andei 40 dias pelas ruas do bairro, pelas montanhas, parques e estradas.
Vi árvores, ar, petróleo e pedras.
Fui andarilha. Sou andarilha. Atravessei caminhos para chegar em outro lugar.
Em algum lugar.

2. Exposições

A Impregnação, Galeria de Arte BDMG Cultural





Fotos 15, 16, 17, 18: Vista da exposição Impregnação, Galeria de Arte BDMG Cultural. Foto Sylvie Moyen. Março a Maio de 2023.

Grafias do tempo, Centro Cultural UFMG

Em 2021 Vânia Barbosa iniciou o empreendimento de grafar a ação da mineração na mina Capão Xavier a partir de gestos poéticos. Impedida por funcionários da mineradora de adentrar e ver com seus próprios olhos a profundidade da ferida da terra, decidiu criar suas próprias ferramentas de aferição e denúncia. Fincou 40 bandeiras brancas em vários locais e entabulou expedições poéticas no entorno do seu ateliê, no Jardim Canadá, tornando visível em panos e no seu corpo o que aparentemente está invisível para além dos muros das mineradoras. Seu projeto Grafias do Tempo é uma resposta artística ao assombro e à indignação e tem como resultado vídeos, performances, objetos, fotografias e instalações. A presente exposição é o recorte mais abrangente da profícua série e serve como uma espécie de pronunciamento ao grande público. Apesar do impacto da mineração poder ser sentido país e mundo afora, apenas os mineiros sabem o que é viver imersos no quadrilátero ferrífero. O gesto poético de uma anciã e seu corpo impregnado pode minar simbolicamente o poder. Só as mineiras como Vânia Barbosa sabem e querem deixar como legado seu grito de alerta.

Cristina Tejo, curadora.



Figura 19 e 20: Vânia Barbosa. Vista da exposição *Grafias do Tempo*, Centro Cultural UFMG, curadoria Cristina Tejo, dez/ 2023 a fev/2024. Foto: Sylvie Moyen; Instalação “Sem terra”, 150x500cm. Foto: Vânia Barbosa



Figura 21, 22: Instalação das bandeiras, terra e mapa. Os pontos no mapa do bairro Jardim Canadá demarcam o local onde foram colocadas as bandeiras e a representação da cava. 2024. Fotos Sylvie Moyen

Pó, poeira, poeirada. Essa ínfima matéria presente no ar deixou sua marca nas 40 bandeiras que, por 9 meses, ficaram expostas ao tempo. Os pontos no mapa do bairro Jardim Canadá demarcam o local onde foram colocadas as bandeiras e a representação da cava com amostras de terra em forma de cilindro, que são amostras levadas para exame de subsolo.



Figura 26 e 27: Vânia Barbosa, Pintura mineral sobre tecido de algodão pendurada sobre bambu. 180x100cm. 2023.

Pouco ficou deste pó de que teu branco sapato
se cobriu. Ficaram poucas roupas, poucos véus rotos,
pouco, pouco, muito pouco.
Mas de tudo fica um pouco.
(Drummond, 2012, p.71)



Figura 27: Vânia Barbosa, Montanhas. Metal oxidado. Dimensões variadas. Foto: Sylvie Moyen



Figura 28 e 29: Vânia Barbosa. Vista da exposição *Grafias do Tempo*, Centro Cultural UFMG, curadoria Cristina Tejo, dez/ 2023 a fev/2024. Foto: Sylvie Moyen

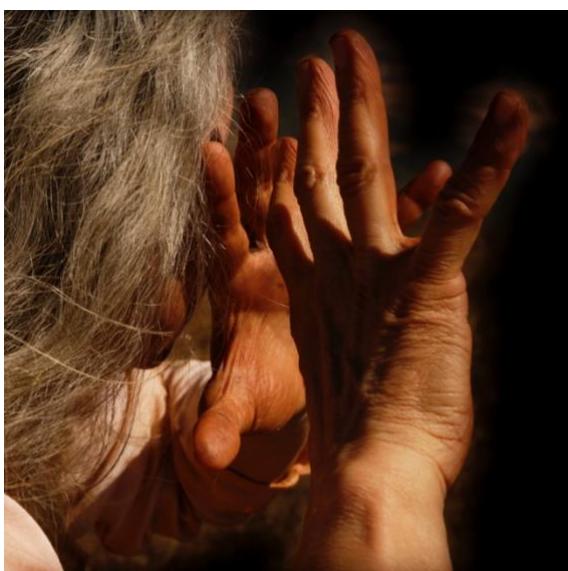


Figura:30, 31, 32: Vânia Barbosa, *Com que olhos vejo?*, *Grafias do Tempo*. Fotos Sylvia Vartuli. 2022

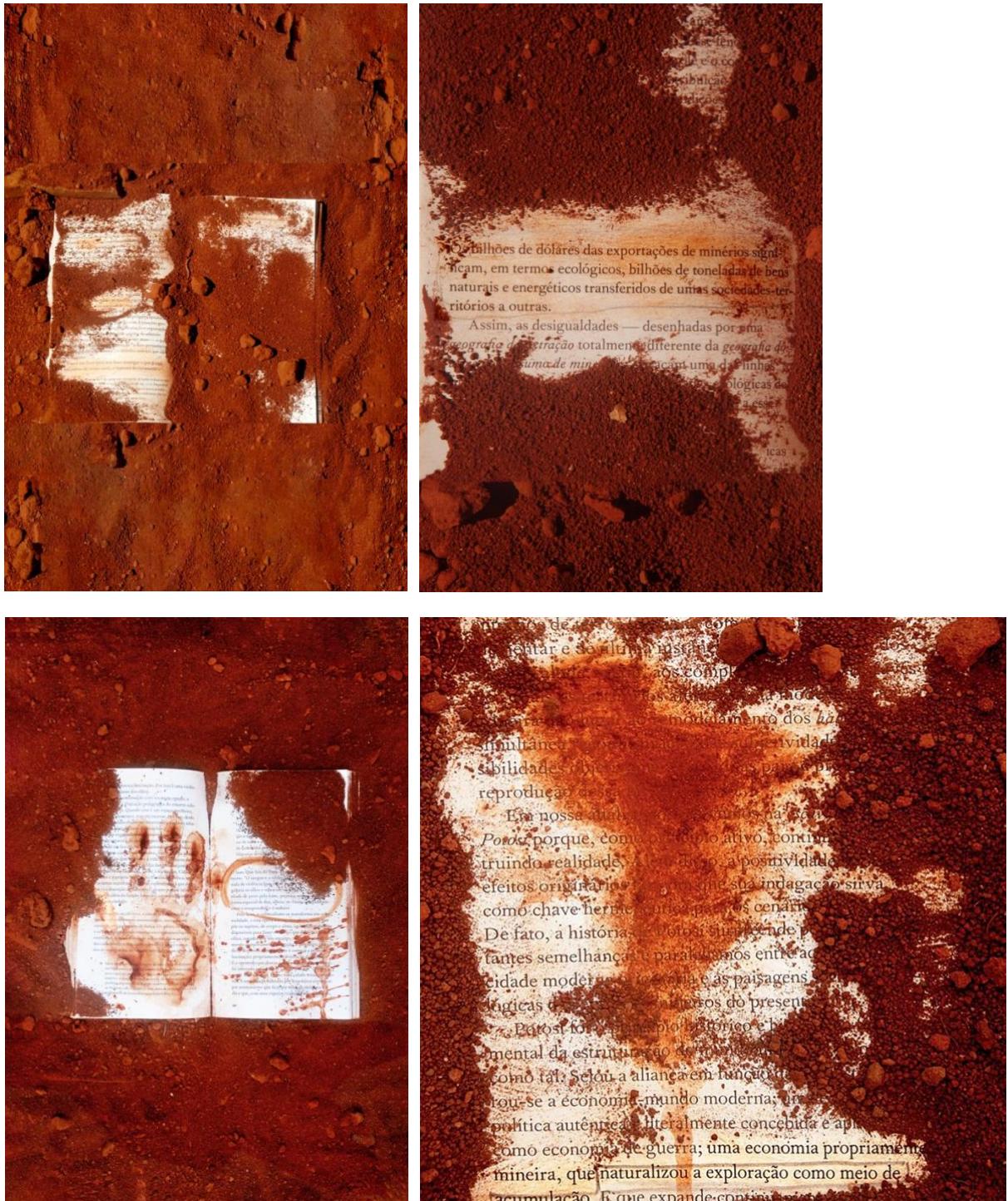


Figura 33, 34, 35, 36: Vânia Barbosa, Livros de Terra do Projeto ArLivre BH, Grafias do Tempo. Fotos: Vânia Barbosa

Livros têm caráter sagrado que nos levam a reflexões sobre mundos.

Livros de Terra é uma série de fotografias que busca fomentar o pensamento dos transeuntes e usuários do transporte público sobre o extrativismo e seu impacto em nosso povo.

Faz parte do projeto **Grafias do Tempo** e ganhou a concorrência pública do Ar Livre BH onde as imagens foram colocadas nos pontos de espera de ônibus.

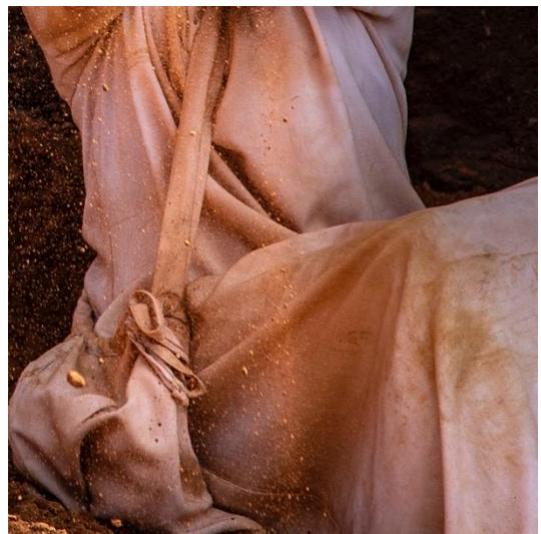


Figura 37, 38, 39: Vânia Barbosa, *Grafias do Tempo*. Foto: Sylvie Moyen



Figura 40: Vânia Barbosa, Grafias do Tempo. Foto Vânia Barbosa.

Seu silêncio é cúmplice⁴

Sou uma anciã. Nasci em Pequi, interior mineiro em 1955.

Fui criada brincando com a terra entre árvores e animais. Acostumei a sentir o cheiro da natureza e a observar o tempo. Sofria ao ver o corte das árvores ou o abate dos animais. Observava a diferença entre homens e mulheres. Nunca concordava com a injustiça do salário menor atribuído a elas.

Conversava com a terra. E ela respondia. Faço parte desse universo.

Em 1980 entrei para a escola Guignard em Belo Horizonte, MG. Questionei a arte, seu sistema e seu valor em relação ao ser humano. Em 1984 assumi a arte como profissão. A terra era minha matéria prima para confecção de tintas. Explorava sua textura e cores. A borracha, que também teve seu ciclo exploratório no Brasil, somou aos meus materiais eleitos. Borracha reciclada. Gostava de dar sobrevida ao que já estava tendo uma segunda vida. Trabalhando na fábrica, fazia vestidos rasgados ou “bolinhas de biscoito” e ia pensando na desigualdade.

⁴ Frase citada no filme *Eu sou uma arara* de Rivane Neuenschwander e Mariana Lacerda. Brasil (SP), 2023, 25 min.

Hoje, não observo mais a terra. Sou terra. A terra impregnada na pele. Pés, mãos e corpo. Levanto a poeira das pedras fragmentadas. O pó, essa ínfima partícula que se torna visível através dos pés que chutam o chão ao redor da cava. Falamos juntas em uma só voz. É a comunhão do corpo de uma anciã que se aproxima cada vez mais da terra e da Terra.

Vânia Barbosa

3 Considerações finais

Grafias do Tempo consolidou-se como um processo poético e colaborativo. Sob a orientação de Cristiana Tejo e inspirada por leituras como a de Horácio Machado Aráoz, Vânia foi se aprofundando nesse território mineiro, transpondo o presente e conectando-o ao passado. Ao chegar à exposição no Centro Cultural UFMG, a obra agregou outras vozes e corpos, ampliando sua potência crítica diante de uma paisagem devastada por muros, tapumes e silenciamentos.

Mesmo impedida de acesso por funcionários da mineradora, a artista persistiu — acompanhada por oito mulheres e corações — em uma travessia que é também resistência.

Ao articular poética, política e território, Grafias do Tempo afirma-se como uma obra fundamental na arte contemporânea brasileira. Ao ressignificar a paisagem marcada pela mineração por meio de uma linguagem sensível, o projeto amplia os limites da arte como forma de denúncia e cuidado, reafirmando seu papel como campo de resistência, memória e transformação coletiva.

Referências

ANDRADE, C. D. de. Poesia e prosa 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. Resíduo. 26p

ARÀOZ, Horácio Machado. Mineração, genealogia do desastre: o extrativismo na América como origem da modernidade. Tradução de João Peres. - São Paulo: Elefante, 2020

LINDQVIST, Sven. Exterminem todos os malditos: uma viagem ao coração das trevas e à origem do genocídio europeu. Tradução de Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Fósforo, 2023.

Sobre a autora

Vânia Barbosa (Vânia Barbosa Santos de Albuquerque Serra), Pequi, Minas Gerais, 1955. Artista multimídia. Utiliza materiais usualmente denominados como restos pela sociedade, ressignificando-os em desenho, pintura, escultura, fotografia, vídeo e performance. Sua poética se pauta pela experimentação, transitando entre a destruição e a reconstrução, e pelo olhar sensível ao meio ambiente, especificamente aos problemas ecológicos advindos da mineração <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/5873-vania-barbosa>. Canal do youtube para compartilhamento de vídeos e performances de Vânia Barbosa. <http://www.youtube.com/@vaniabarbosasa>. Instagram: https://www.instagram.com/vaniabarbosa_atelier/?hl=pt-br.

Site: <https://vaniabarbosa.art/>

vaniabarbosa.sa@gmail.com

Como citar

BARBOSA, Vânia. Grafias do tempo. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 6 n. 1, n.p.. 1º Semestre de 2025. Doi [10.14393/EdA-v6-n1-2025-76120](https://doi.org/10.14393/EdA-v6-n1-2025-76120) . (*versão ahead of print*).



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.